

Universidade e Regionalismo em Benedito Nunes

University and regionalism in Benedito Nunes

Jorge Sarmento

<https://orcid.org/0000-0002-7969-0299> - E-mail: jars@ufpa.br

RESUMO

O Presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões a respeito da temática em questão, tomando por base a aula inaugural apresentada pelo professor Benedito Nunes em abril de 1999, envolvendo uma fase pré-universitária e a existência de uma *intelegentsia* local na Amazônia, inspirada pelo regionalismo, e que influenciou de forma decisiva a criação da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chaves: Amazônia. Naturalismo. Regionalismo. Universidade.

ABSTRACT

The Present work has for objective to present some reflections regarding thematic in question, taking for base the inaugural lesson presented by the professor Benedict Nunes in April of 1999, involving a phase daily pay-college student and the existence of a local *intelegentsia* in the Amazônia, inspired for the regionalism, and that it, influenced of decisive form the creation of the Federal University of Pará.

Keywords: Amazônia. Naturalism. Regionalism. University.

Introdução

Em aula inaugural proferida no ano de 1999 na Universidade Federal do Pará, o professor Benedito Nunes desenvolveu importantes abordagens a respeito de dois termos, aparentemente desconexos, mas no entanto capazes de levar à compreensão da realidade amazônica e do papel desenvolvido pela universidade no contexto da referida região, marcada ao longo de sua história por uma série de percalços relacionados principalmente com o *desenvolvimento econômico*, o qual alternou períodos expansivos e recessivos, em função das necessidades diretas da economia mercantil da metrópole e, a partir da metade do século XIX, até a crise da economia da borracha, do processo de desenvolvimento industrial dos países capitalistas centrais; *ocupação*, que na busca de uma solução através da imigração, criou-se outros problemas sociais e econômicos. A esse respeito, destaca-se que a incorporação da Amazônia ao Brasil se fez:

Por herança do patrimônio colonial português, pela unidade de formação cultural fundada nas mesmas matrizes básicas, e pela emigração de cerca de meio milhão de nordestinos conduzidos à Amazônia nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX, para a exploração dos seringais nativos. (RIBEIRO, 2006, p. 278).

c) *integração* em relação as outras regiões, o que levou a construção de rodovias integradoras, tornando a Amazonia cada vez mais dependente em relação às regiões mais dinâmicas e economicamente mais desenvolvidas, observando-se que mesmo após o período pós-30, com o significativo processo de industrialização do país, poucas ações foram empreendidas pelo governo central no sentido do estabelecimento da integração da Amazonia ao projeto econômico nacional. Mais recentemente a instalação dos Grandes Projetos, concebidos durante a lógica desenvolvimentista pouco acrescentou para melhoria da região, que até os dias atuais ainda traz o estigma de ser a região mais rica, com uma população pobre. Com relação a esse aspecto, destaca Ribeiro (2009, p. 278):

Essa integração territorial, cultural e humana se vem fazendo orgânica, nos últimos anos, graças às comunicações diretas estabelecidas através dos rios que correm do planalto central para o Amazonas e das rodovias recém-abertas para ligar Brasília ao Rio-Mar e, incipientemente, para cortar transamazonicamente a floresta, de norte a sul, de leste a oeste.

Apesar de todos os percalços, a Amazonia apresenta uma história que ignorada por muitos, reflete seu contexto cultural e intelectual, na confluência de várias correntes de pensamento, como o positivismo, modernismo e naturalismo, entre outras, e que não deixaram de exercer sua influência na literatura, nas artes e criações, bem como na formação de uma gama de intelectuais que contribuíram para a construção de um pensamento capaz de traduzir o universal nos valores regionais. Delinear essa parte da história da Amazônia constitui o ponto central do discurso do professor Benedito Nunes, figura notável e reconhecida internacionalmente, ao abordar a temática relativa à universidade e o regionalismo.

1 A importância da Amazônia e a fase pré-universitária

Ao discutir a temática relacionada entre universidade e regionalismo, o professor Benedito Nunes primeiramente aponta para o fato da lógica de ocupação do território nacional, verificado durante o período colonial, mostrando que o extrativismo das drogas do sertão que se estabeleceu na Amazônia produziu um movimento orientado pelo litoral, fixando bastiões

de defesa na embocadura dos rios, na luta contra as invasões estrangeiras, de ingleses, franceses e holandeses, fato que produziu o condicionamento da diversificação regional do espaço nacional. Nesse sentido, as palavras “regional e regionalidade” passam a estabelecer diferenças localistas, vinculadas à questão topográfica. Entretanto, a ideia de regionalismo é a “tendência que consagra o regional e não o universal como medida de valor do conhecimento, da arte e da literatura” (NUNES, 1999, p. 3). Vistos a partir dessa perspectiva, os conceitos de “Universidade” e “regionalismo” parecem desconexos. No entanto, o professor Benedito argumenta que existem boas razões para se pensar na união de tais termos.

A primeira razão reside na importância que a Amazônia representou a partir do século XVIII em diante como importante objeto de pesquisa para as mais diferentes áreas do conhecimento, o que a transformou num *locus* privilegiado de atividades científicas, tanto para os brasileiros como estrangeiros. O século XVIII representa o período marcado pelo pensamento iluminista, marcado pela confiabilidade na razão, sendo esta o caminho para o desenvolvimento e progresso da humanidade. A esse respeito, é interessante ressaltar a percepção de Benedito Nunes sobre a peculiaridade desse movimento intelectual no Pará, que se deu sem à margem do “contato subversivo” com o pensamento europeu, assim como a ausência de universidades e de uma imprensa.

Singular Iluminismo o do Pará, sem contrapartida político-social. Pois, ao que parece, faltou à então província do Pará e do Maranhão aquele contato subversivo com a Europa que ativou a Inconfidência Mineira e que introduziu os livros insurrecionais nas livrarias particulares dos prelados. Se nos faltavam universidades e imprensa, esta introduzida por Felipe Patroni em 1822 e que, anos depois, nos traria as ideias do extremista Babeuf pela propaganda do frade Luis Zagalo, como poderíamos ter tido antes e depois de Landi as luzes do esclarecimento? (FIGUEIREDO; NUNES, 2020, p. 24).

Já a segunda razão deriva da motivação que se produziu para a criação de uma Universidade da Amazônia no ano de 1955, fato que repercutiu na criação da Universidade Federal do Pará, em 1957, através do Plano Quinquenal da Superintendência do Plano de Valorização Econômica para a Amazônia.

A existência de uma fase pré-universitária é destacada como pressuposto que permite esboçar uma parte da história intelectual dessa Região que ainda não foi escrita. E o delineamento de algumas passagens desse período, que se dá na transição do século XIX para o século XX mostra a existência de uma *intelligentsia* local que adquiriu identidade própria no desenvolvimento de investigações exploratórias das terras amazônicas.

A recordação dessa fase passada permite esboçar uma parte da história intelectual da Amazônia, interrupta e descontínua, que ainda não foi escrita [...]. Mas, pelo menos, será preciso delinear-lhe algumas passagens, principalmente aquelas que se salientaram, na transição do século XIX para o século XX, quando uma parcela da *intelligentsia* local conquistou, atuando nos vários planos, didático, artístico e científico da atividade intelectual, sob o influxo de “ideias novas” perfilhadas pela geração de 1870, identidade própria no trabalho de abrir as diversas frentes de investigação exploratória das terras amazônicas. (NUNES, 1999, p. 4).

A composição dessa *intelligentsia* era em grande parte constituída de médicos, advogados e professores, os quais, embora em sua maioria não possuíssem formação acadêmica especializada, através do autodidatismo atingiu a conquista de sua identidade intelectual, fato relevante para a formação de um espírito acadêmico, levando-se em conta que foi através desse grupo de autodidatas que em 1924 surgiu o primeiro projeto de fundação de uma universidade, - a Universidade Livre do Pará. Projeto esse que não se tornou exequível, e que conforme as palavras do professor Benedito, “foi sepultado no papel em que o riscaram”. Esse abandono a

tal projeto é tido como um “misto de deslumbramento e decepção”, tal como Euclides da Cunha expressa sua percepção sobre a Amazônia em *À margem da história*, em função da abundância de espaço físico não ter sido preenchida pela presença significativa de sociedades humanas, enquanto uma condição necessária para o desenvolvimento das relações históricas. Em *Um paraíso perdido*, Euclides da Cunha expressa seu pensamento sobre a Amazônia no sentido de colocá-lo à altura de “Os sertões”, numa tentativa de vingar a *Hiloe* de todos aqueles que a macularam desde o século XVII, procurando mostrar que a aquela região

é uma terra que ainda se está preparando para o homem que a invadiu fora do tempo, impertinente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso. Hei de tentar demonstrar isto. Mostrarei talvez, esteirando-me nos mais secos números meteorológicos, que a natureza, aqui, soberanamente brutal ainda na expansão de suas energias, é uma perigosa adversária do homem. Pelo menos em nenhum outro ponto lhe impõe mais duramente o regime animal (CUNHA, 1997, p. 266).

Euclides da Cunha se situa no rol dos intelectuais brasileiros adeptos das “ideias novas” cujo caráter filosófico se apoiava no positivismo de Comte e no evolucionismo de Spencer. E paralelamente a essas duas correntes surge na literatura, e mais especificamente no romance, o naturalismo, concepção segundo a qual “a pura natureza, fosse o sexo ou mesmo a hereditariedade, constituiria a causa profunda e verdadeira das ações humanas” (1999, p. 5). O francês Emile Zola é considerado como o precursor do naturalismo e em sua obra “O romance experimental” de 1880, vamos encontrar a maior expressão desse movimento, que no Brasil se destaca pela preocupação por parte dos escritores em descrever os problemas da realidade social, política e econômica. Nesse sentido, o conjunto de transformações que foi o final do século XIX apresentou um cenário ideal para a expressão daquela concepção como as mudanças ocorridas no projeto social escravista; a guerra do Paraguai e sua farsa política; o movimento da Cabanagem no Norte liderado pelas classes menos favorecidas; o fim do império etc.

Na medida em que a concepção naturalista possibilitou uma visão que valorizava o meio físico, ela permitiu a adoção do regionalismo, que exerceu forte influência na literatura brasileira, destacando-se na Amazônia o pensamento de Inglês de Souza e José Veríssimo, ambos nascidos na cidade de Óbidos, no Estado do Pará. Representativas da cultura erudita de sua época, as obras de Inglês de Souza e José Veríssimo se destacam e se unem, segundo Benedito Nunes, pela “imaginação material”, termo cunhado por Gaston Bachelard para caracterizar o embate entre as forças humanas e as forças naturais do trabalho operante e criativo do homem em relação às resistências da matéria. Assevera o referido professor que “no seu conjunto, os contos e romances de Inglês de Souza constituem enorme painel sociopolítico do Pará e de toda a Amazônia, elaborado por narrativa ficcional de extrema acuidade nos detalhes da ação e no caráter dos personagens, cuja escrita, assimilando os termos das línguas indígenas à linguagem oral dos nortistas, ainda nos seduz com a sua aptidão para criar a atmosfera de ambiências locais” (1999, p. 8). Essa aptidão transparece na descrição do caboclo por Inglês de Souza

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma em um apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorri, apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se leem os devaneios íntimos, nascidos da sujeição da inteligência ao mundo objetivo, e dele assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar, a esses pobres tapuios, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão (SOUZA, 2012, p. 19).

Por seu lado, José Veríssimo apresenta uma capacidade admirável de descrever o cenário amazônico com o olhar de etnólogo, muito embora que por sua atitude de pedagogo influenciado pelo positivismo o leve a uma percepção prejudicada da perfectibilidade humana que se obtém pelo progresso, tendo em vista que o modo de vida e os costumes dos povos da Amazônia não apresentam uma boa compatibilidade com tal ideal, tão caro ao positivismo. Sobre essa questão que perpassa pela degradação racial em relação as gentes mestiças, o professor Benedito argumenta a respeito do princípio da antropologia que nega a existência de raças puras, além do que, “pelo seu enorme contingente populacional caldeado, a Amazônia comprova o fato incontestável da superioridade intelectual no Brasil dos mestiços” (SOUZA, 2012, p. 10), apontando também para a dizimação dos povos silvícolas, que não tiveram sua cultura respeitada, nem pelo colonizador e nem pelo catequista.

Na perspectiva de Veríssimo, existe um aspecto positivo na mestiçagem na medida em que ela possa valer predominar a hegemonia dos caracteres raciais superiores.

A América é o vastíssimo cadinho em que se fundem hoje as diversas raças e gentes do globo. Porventura sua missão história é dar, servindo de campo para o cruzamento de todas (*sic*) elas, unidade étnica à humanidade, e, portanto, nova face às sociedades que hão de viver no futuro. [...] Em regra geral, cada novo (*sic*) cruzamento aproxima o mameluco, o filho do branco e do índio (curiboca, ou mameluco propriamente dito) da raça branca (VERÍSSIMO, 1970, p. 11-14).

Veríssimo fez sucesso na imprensa no período de 1870 e 1880, escrevendo crônicas, críticas literárias e ensaios de caráter histórico e etnográfico, atuando em quase todos os jornais do Pará, sendo o fundador da *Revista Amazônia*, em 1883, cujo objetivo era a divulgação literária, científica e artística principalmente de intelectuais locais, como contribuição para o avanço das letras na Região, tendo escrito vários livros.

No período áureo da Borracha, que embora tenha sido um período expansivo do ponto de vista econômico, contando inicialmente com a mão de obra indígena forçada e gratuita, sendo posteriormente substituída pelos emigrantes nordestinos, vítimas da grande seca de 1877, não trouxe benefícios para a região nem para o grosso de sua população, mas apenas uma prosperidade temporária agravada pela desigualdade social. Dos frutos dessa fase se destaca a urbanização de Belém no estilo europeu da época (*Art nouveau*), com praças ajardinadas, teatro e biblioteca em estilo neoclássico, momento em que os intelectuais adeptos das “ideias-novas” como José Veríssimo, Lauro Sodré, Barbosa Rodrigues, Marques de Carvalho e outros compartilhavam de uma mesma mentalidade. Esses intelectuais tinham, no jornalismo da época o principal instrumento de projeção pública, sendo que também ideias progressistas como o anarquismo e o socialismo, assim como os ecos da I Internacional eram tematizadas em jornais como A Tribuna Operária e a Voz do Povo, tendo, na figura de Juvenal Tavares, um dos seus primeiros porta-vozes. Destaca-se nesse contexto a omissão sobre os primeiros habitantes dessa região, os indígenas, vítimas de massacres, e que não entravam na história e “morriam fora das cenas dos feitos portugueses”, aos quais somente a perspectiva crítica e ampla de sua história tal como revelam as pesquisas dos novos historiadores a Universidade.

2 O surgimento da Universidade Federal do Pará

Esse quadro histórico, traçado de forma muito breve pelo professor Benedito serve de referência para se compreender que o surgimento da Universidade, no ano de 1957 não seria percebido sem a existência de uma *intelligentsia* local, que através da formação de uma cultura erudita irá se estabelecer naquela instituição.

A nossa Universidade parece dever tudo ao presente e nada a esse passado que acabamos de recompor em rápidas linhas. No entanto, o trabalho local de da *intelligentsia* que a precedeu e a que me referi, já formara uma cultura erudita, sem a qual nossa Universidade não teria existido. É também verdadeiro que criado esse estabelecimento de ensino superior, surgia em 1957, algo novo – a formação universitária – que no Brasil foi uma tardia floração da terceira década deste século, próspero no Sul e Nordeste, ente 34, data da fundação da Universidade de São Paulo e 46, data do aparecimento da Universidade de Pernambuco, a do Distrito Federal, depois da Universidade do Brasil, e a da Bahia aparecidas, respectivamente, em 35 e 46. É evidente que a cultura erudita, já antes desenvolvida, vai radicar-se na Universidade, como fonte institucionalmente forte do ensino superior de técnicas, antes, letras, ciências e filosofia (NUNES, 1999, p. 12).

Enquanto instância de produção do conhecimento a Universidade propicia a instauração de uma cultura universitária como um setor privilegiado, na medida em que é incrementado por grupos particulares ou pelo Estado, e por esse motivo se torna, por muitas vezes o lugar de embate entre tendências críticas, visando a mudança social e política.

Observa-se que desde o século passado os saberes em que se traduz o conhecimento produzido passam por mudanças de caráter conceptual e metodológico, cujos desdobramentos nos levam a adentrar no que Paul Ricoeur chama de “época da suspeita”. Suspeita do conhecimento totalizador, abrangente, suspeita do consenso entre sábios, no qual repousa a verdade científica. Tal período é marcado pelo excesso de informação produzida pelos meios de comunicação de massa, os quais terminam agindo como “poderosos veículos de controle uniformizador da opinião pública”, tornando-se, na visão de teóricos contemporâneos, produtos de indústria cultural e passando a infiltrar-se nas instituições de ensino e conseqüentemente, nas universidades. A prática da interdisciplinaridade, assim como um programa consistente de publicações de livros e revistas é apontada pelo referido professor como forma das universidades se protegerem dos efeitos danosos do processo midiático assim como das crises que ocorrem nas ciências.

No que tange à interdisciplinaridade se destacam dois aspectos: aquela baseada na colaboração entre ciências, produzindo um domínio científico mais amplo que o das disciplinas convergentes e oriunda de um intercâmbio conceptual entre diferentes disciplinas; o outro aspecto se refere ao confronto dialogal, crítico e interpretativo, “a cargo de estudantes e professores, entre disciplinas, onde através de debates se procura entrosá-las de forma teórica para compreendê-las e melhor aproveitar seus benefícios da aplicação prática, que as geram” (NUNES, 1999, p. 16). Nesse segundo aspecto de interdisciplinaridade se destacam os trabalhos realizados por Eidorfe Moreira, de magistral reflexão filosófica sobre a paisagem amazônica. Após a criação da UFPA o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) passou a exercer o diálogo crítico e interpretativo das Ciências Humanas, tendo à frente desses trabalhos o professor Armando Mendes, responsável pela concepção e instalação daquele Núcleo.

Apesar da UFPA ter surgido concomitante ao SPEVEA/SUDAM, que foi a agência governamental de planejamento para a Amazônia, concebida pelos governos militares da década de 60, o NAEA não representou uma réplica acadêmica daquela agência, tornando-se imune às injunções políticas e pressões de grupos de interesse, transformando-se numa “usina de ideias”, graças ao regime de estudos interdisciplinares que desenvolveu, através do qual se tornou possível, em última análise, “interligar o particular da região à universalidade do conhecimento sobre ela produzido” (NUNES, 1999, p. 17). Tal interligação, que se verifica nos diversos projetos de pesquisas que envolvem todas as áreas do conhecimento, das várias faculdades, aponta para o fato de que o regional, a regionalidade, ou de maneira mais clara o regionalismo é o marco da formação universitária, da mesma forma que o foi durante a cultura erudita que surgiu na transição do século XIX para o século XX fruto de uma inteligência local.

No que se refere ao objetivo-fim da instituição universitária, o referido professor conclui que apesar de seus déficits a Universidade Federal do Pará não pode ser considerada um fracasso, faltando-lhe, no entanto, muito dinheiro, no sentido de que aquela instituição possa atingir esses objetivos e ter a sua identidade amplificada.

[...] A Universidade Federal do Pará precisa, antes de tudo, de muito dinheiro para alcançar, com meios suficientes, a plenitude de seus fins próprios e conquistar sua identidade amplificada de Universidade da Amazônia. [...]. Mas não necessita só de dinheiro. Precisa de dinheiro para combater a desigualdade financeira entre os cursos, que os divide em “primos pobres” e “primos ricos”, sinal exterior da crise institucional em que debate. (NUNES, 1999, p. 18).

O programa de interiorização, a desigualdade financeira existente entre os cursos, o cumprimento de programas editoriais, com a publicação de livros e revistas pelas faculdades são citados como exemplos da necessidade da aplicação de recursos no âmbito da UFPA, que nos últimos anos tem sofrido com os sucessivos cortes em seus orçamentos. Mas não é só de dinheiro que a UFPA necessita. Além de dinheiro, ressalta o referido professor que a UFPA necessita de uma visão que seja capaz de superar as dificuldades impostas pelos novos mecanismos midiáticos, os quais se encontram orientados pela ação da indústria cultural, como por exemplo, o mito do auto-ensino, fazendo com que o professor se torne uma peça obsoleta, e o mito da superação do livro pelo processo de informatização que a cada dia nos impõe novos desafios e novas dificuldades. Ressalta o professor Benedito que não se quer dizer que esses mecanismos tecnológicos não possam ensinar, mas que para a existência de uma comunidade universitária se torna necessário a predominância de relações afetivo-intelectuais as quais se articulam pelos professores e estudantes, os quais se constituem como seus legítimos parceiros.

Considerações finais

As análises procedidas em torno dos conceitos universidade e regionalismo pelo professor Benedito Nunes, revelam um quadro singular e capaz não só de dialogar com os grandes expoentes da literatura nacional, assim como, através de uma visão crítica e questionadora, e que busca de forma permanente o sentido das criações humanas na literatura, nas artes e nas ciências, apresentar uma nova perspectiva e uma nova leitura, através de um espírito voltado para a compreensão do significado do mundo, da cultura e da própria história, que é comum ao pensamento filosófico. Nesse ponto de vista, a peculiar e atenta reflexão sobre um período quase esquecido, senão ignorado pela maioria da população da região, é capaz de revelar elementos imprescindíveis para uma melhor percepção da história amazônica, como o desenvolvimento de um regionalismo, como resultado das expressões literárias da época, a existência de um período pré-universitário, o surgimento e o *modus operandi* de uma *inteleghentsia*, formadora de uma cultura erudita, sem a qual não seria possível a existência da Universidade Federal do Pará.

Enquanto instituição que prioriza a produção e a universalidade do conhecimento, a socialização do saber, assim como a formação de profissionais e pesquisadores, a universidade encontra-se nesse sentido articulada com tendências que consagram o regional como medida de valor do conhecimento, da arte e da literatura. Nos dias atuais, não há como desconsiderar os grandes desafios que se impõem, tanto no contexto regional, quanto nacional para as instituições universitárias e o seu papel frente às sociedades complexas e plurais que caracterizam

o momento contemporâneo. Vivemos tempos de transformações e incertezas frente a uma pandemia que nos tem obrigado a repensar os novos mecanismos de ensino, assim como conviver com situações inesperadas e com uma educação pública cada vez mais precarizada contexto no qual as universidades devem assumir cada vez mais o seu papel, e onde o regionalismo passa a ser o marco da formação universitária, enquanto contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1994.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; NUNES, Benedito. Luzes e sombras do Iluminismo paraense. In: BEZERRA NETO, José Maria; GUZMÁN, Décio de Alencar (Orgs.). *Terra Matura*. Historiografia & História Social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002.

NUNES, Benedito. *Universidade e regionalismo* (Aula inaugural do ano de 1999). Belém: DAVES/UFPA: 1999.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

Sobre o autor

Jorge Sarmiento

Licenciado em Filosofia (UFPA), Mestre e Doutor em Ciências Sociais (UFPA), possuindo Bacharelado em Administração (UFPA) e Pós-Graduação (*Lato sensu*) em Educação e Problemas Regionais (UFPA). É professor associado da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Possui experiência na área de Filosofia Política, Ciência Política, Filosofia do Direito, Sociologia do Direito e Ética.

Recebido em: 31.07.2021.

Received: 31.07.2021.

Aprovado em: 02.09.2021.

Approved: 02.09.2021.